Modelos de Treinamento Missionário

E a Escola Missionária de Jesus

**5º Congresso Brasileiro de Missões**

13-17 de Outubro, 2008

Barbara Helen Burns

Treinamento missionário tem sido um importante assunto em nosso meio desde meados da década de 70. Mesmo assim, ouvimos reclamações dos campos missionários citando problemas sérios que surgem pela falta do preparo. Nas pesquisas sobre retorno precoce do missionário, ReMap I e II, da Comissão de Missões da WEA (Aliança Evangélica Mundial), a falta de preparo foi a principal razão citada para os fracassos de missionários brasileiros.[[1]](#footnote-1) Deles, 8,5% voltam a cada ano, 70% maior do que a média anual (Ekström, 1997:14). De acordo com os dois estudos, as agências missionárias que exigem maior treinamento, especialmente treinamento contínuo, permanecem mais. Todas as missões dos países envolvidos na pesquisa apontaram para a importância do treinamento integral (teológico e missiológico, incluindo estágios práticos) e adequado, , eram muito importantes para a permanência do missionário no campo. Os indicadores também demonstram que o treinamento tem que ser *adequado* (conforme o campo, o trabalho a ser feito e a pessoa do missionário) (Hay, et. Al., 2007:55-68, 105-118, ênfase dos autores).

O problema de falta de preparo não existe apenas no Brasil. Nos Estados Unidos há muitos “missionários” de curto prazo, preparados em cursos fáceis e sem muita exigência ou contato com professores qualificados. O aumento nas igrejas de cultos que enfatizam mais o “show” do que o conteúdo também são motivos do envio de missionários sem conhecimento bíblico e sem noções de vida, caráter ou estratégia missionária. O resultado é superficialidade da evangelização e discipulado feito por missionários que iniciam novas igrejas sem maturidade ou estabilidade. As vezes acontecem sincretismo e desastres como aconteceram na Ruanda ou na Quênia, quando muitos evangélicos participaram em ataque violentos uns contra os outros. Em relação a Ruanda, Patrick Johnstone reclama que a igreja tende a ter um quilômetro de largura e um centímetro de profundidade.

Por tudo isso devemos refletir e avaliar o treinamento que oferecemos para a força missionária brasileira. Preparo missionário é a tarefa da família, da igreja, das escolas e das agências e juntas missionárias. Todos são importantes no processo de formação de servos capacitados e fiéis a Deus. Em 1901 o famoso líder de missões, John Mott, disse que não há nada mais desafiador e mais sublime do que o estudo de missões, a não ser o estudo da vida de Jesus (Mott, 1901). Mott separou as duas coisas, mas neste estudo vamos tentar juntá-las para propor um treinamento missionário baseado no modelo de Jesus. Ele levou os Seus discípulos passo a passo à compreensão e a capacidade de alcançar o mundo. Com a exceção de Judas, o traidor, e Tiago, morto em Jerusalém, todos foram ao campo transcultural (veja *Doze Homens, Uma Missão*, 1999).

Desde o Novo Testamento os anos têm passado, os contextos mudaram, as culturas também, mas as verdades que Jesus ensinou são eternas e mais que relevantes em qualquer contexto ou século. É o mesmo ensino que deve ser levado a todas as naões até a consumação do século! Se ignorarmos a Bíblia, acabaremos no mundo do pragmatismo, tradicionalismo e ativismo vazio e superficial. Olhar para o exemplo e o ensino de Jesus de preparar missionários transculturais é o primeiro e mais importante passo em fazer o mesmo hoje.

Como Cristãos, a Bíblia é a fonte de conhecimento de tudo que cremos e fazemos, a palavra final (regra) para a fé e a prática. É através da Palavra que entendemos como crer e como viver de acordo com a natureza e a vontade de Deus. É um acervo inspirado por Deus que serve para nos “tornar sábios para a salvação” e é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Tm 315-17 NVI). Isto significa que o preparo missionário deve ser tanto baseado na Bíblia para seu conteudo educacional como para sua orientação operacional. Assim vamos evitar formar alunos que querem ser “bacharéis”, ou que são seguidores de modas eclesiásticas e missionárias e praticantes de fáceis soluções, em vez de reflexivos e coerentes com a Palavra que Deus. Devemos construir, avaliar e melhorar nossos modelos através do modelo por excelência de Jesus.

**O Propósito da Escola Missionária de Jesus**

O propósito de Jesus em criar Sua escola de missões era envolver Seus discípulos na Sua vida, morte e ressurreição, a fim de que eles pudessem não somente crer para a Sua própria salvação, mas que levassem a mensagem do Evangelho a outros através de vida e palavra, mesmo as custas de suas próprias vidas. Não era para os discípulos adquirirem apenas informações, mas para serem transformados e motivados com plena convicção da verdade e da chamada de cada um. O propósito eterno do coração de Deus em Jesus se tornou a razão da vida e morte dos Seus alunos e a razão da vida da Igreja de que eles se tornarem fundamento no poder do Espírito Santo e na intimidade com Deus**.**

Jesus levou Seus discípulos à uma compreensão profunda do significado universal das Escrituras culminadas e cumpridas na Sua vida. A.B. Bruce no seu livro *O Treinamento dos Doze,* descreve o propósito de Jesus como o de preparar pessoas que vão garantir a permanência e a expansão da Sua influência. O Seu reino seria fundamentado na rocha de profundas convicções na mente de alguns homens e não no superficial entusiasmo de muitos. Estes homens tinham que ter qualidades extraordinárias e um preparo excelente. Tinham que refletir a imagem de Cristo! Este reflexo tinha que brilhar para todas as nações, não apenas Israel, com suas leis e ordenanças. O centro da sua mensagem era a cruz, infâmia transformada em redenção e símbolo de tudo que é bom e heróico, peso a ser carregado também pelos discípulos (Bruce, n.d.:113-114). Quase todos eles não somente gastaram as suas vidas levando o Evangelho do Reino às nações, como Índia, Ásia Menor, Ilhas Britânicas, Armênia e Espanha, como morreram de forma violenta por ele (DeBarros, 1999*).*

Ter propósitos claros e bíblicos é um segredo de preparo missionário eficaz. Em vez de lançar uma escola baseada em modelos importados, moda ou exigências tradicionais brasileiras, devemos pensar bem no porquê e para quê o preparo. Há exemplos bons de escolas de preparo missionário no Brasil e no exterior que pensaram bem nos seus propósitos. Alguns exemplos são:

A missão do CIEM é a formação de crentes qualificados e comprometidos com Deus que atendam às necessidades das igrejas e dos campos missionários; o registro histórico sistemático da obra missionária no Brasil e no mundo e a reflexão sobre a prática missionária contemporânea. [Cremos] na autoridade da Palavra, na centralidade do trabalho salvífico de Jesus Cristo e na atuação do Espírito Santo, além do comprometimento na tarefa de pregação do evangelho a cada criatura, da missão de discipular, na formação de discipuladores e o ensino e a vivência do conteúdo bíblico, tendo consciência de que o caráter precede a missão (CIEM, web site, 11/07/2008).

Almejamos um ensino integral, com equilíbrio entre um alto padrão acadêmico, oportunidades de desenvolver habilidades práticas e um amadurecimento espiritual e emocional. Assim, promovemos um ambiente de aprendizagem sólida, com diálogo, que permite o desenvolvimento de convicções e crenças individuais, apropriadas para quem se prepara para o ministério transcultural (CEM).

. . . a proposta (...) é proporcionar ao candidato a missões transculturais um treinamento teórico e prático de alto nível, com professores de reconhecida competência e com um currículo especializado. Há ênfase em cinco áreas principais: vida piedosa, integridade de caráter, saúde psicológica, excelência acadêmica e prática ministerial eficaz (Escola de Missões Transculturais da Missão Juvep).

O objetivo do treinamento do ACTI é quádruplo: experimentar uma vida em comunidade transcultural, aprender evangelismo transcultural e planejamento de igrejas, encontrar identidade própria (como famílias ou indivíduos) num contexto transcultural e desenvolver perspectivas asiáticas criativas sobre missões. Esse objetivo é atingido através do aprendizado e da vida na comunidade ACTI (Titus Loong, em Taylor, 1993:66).

(...) Busca-se um equilíbrio entre o aprendizado acadêmico e a prática. Um verdadeiro espírito de serviço é enfatizado. Isso está de acordo com a necessidade do contexto coreano e do Terceiro Mundo (David Taiwoong Lee, em Taylor, 1993:91, referindo a escola de treinnamento missionária da Coréia do Sul).

Destes propósitos surge os objetivos específicos educacionais que cada escola deve alcançar.

**Os Objetivos Educacionais da Escola Missionária de Jesus**

Jesus gastou três anos para formar aqueles que iriam plantar a 1ª Igreja, igreja missionária que levaria o Evangelho até aos confins da terra. Nos Evangelhos temos o relato de como Jesus esforçou-se para levar os discípulos a pureza na vida pessoal, comunitária e missionária, baseado no conhecimento e aplicação das Escrituras. Jesus conhecia a magnitude da tarefa que esperava os discípulos depois da Sua saída e os preparou de acordo. Vários objetivos dEle são claros.

*1.* *Jesus queria formar pessoas desprendidas,* dispostas a vender tudo, entregar tudo, sofrer as consequências. Eram pessoas que não importavam com riquezas na terra, sem preocupação com roupa, dinheiro ou o futuro (Mt 6:20, 24-25, 34). Eles tinham que amar o Senhor com todo coração, alma e mente e o vizinho como si mesmo (Mt 22:36-40). Em João 12:24-28 Jesus disse que tinham que ser como um grão de trigo que cai e morre. Ele preparou os Seus alunos para enfrentar os desafios dos campos transculturais, muitas vezes desconfortáveis e com perigo. Quase todos morreram nos campos distantes, vítimas de violência pelo testemunho de Jesus Cristo. Eles tinham que amar o Senhor com todo coração, alma e mente (Mt 22:36-40) e o vizinho como a si mesmo. Em João 12:24-28 Jesus disse que tinham que ser como um grão de trigo, que cai e morre.

Jesus avisava constantemente sobre sofrimento - seo mestre sofre, também o discípulo. Ele confrontava os discípulos com a dura realidade do seu contexto e os contextos difíceis no futuro, inclusive a maneira de morrer de Pedro, a pobreza, a injustiça, a guerra.

Steve Hardy pergunta no seu livro se estamos levando em consideração tensões éticas, raciais e tribais, injustiça e corrupção, problemas com saúde, guerrilha, problemas econômicos, conflitos religiosos e problemas urbanos (p. 70). Os missionários vão enfrentar estas situações hoje, como os perseguidos e martirizados apóstolos o fizeram.

Recentemente alguns missionários da Missão JUVEP no setão nordestino têm enfrentado a realidade pervasiva do abuso sexual e físico infantil. Lhe dar com isso pode resultar em perseguição e perigo. Margaretha Adiwardana, que conhece em primeira mão as perseguições que os missionários podem enfrentar, no treinamento da Missão AME as inclui no currículo. O objetivo educacional dela é que os missionários perseverem nas dificuldades e reajam com sabedoria e coragem.

*2. Jesus queria formar pessoas com espírito de aprendiz e obediência a Ele*. Jesus constantemente ensinava sobre a importância da obediência. Ele queria formar pessoas que levam as exortações sobre a santidade a sério - algo que atingue o interior, não apenas a aparência. Só aqueles que obedecem entram no reino (Mt 7:21-29). Não somente era proibido adulterar; nem se podia pensar no adultério Mt 5:27-30). Só aqueles que obedecem entram no Reino (Mt 7:21-29). Esta obediência era nos mínimos detalhes da vida relacional, financeira e espiritual. Os discípulos amaram a Jesus, mas o sentimento de amor sem obediência é mentira (Jo 14-15). Jesus queria discípulos radicais! Melhor eles arrancar o olho ou cortar o braço fora do que pecar (Mc 9:42-50).

Creio que uma das características mais importantes na pessoa do missionário é o espírito de aprendiz e o desejo de crescer na obediência a Ele. Missionários precisam ser pessoas que buscam conhecimento, que ouvem e que se alegrem com oportunidades de aprender. Infelizmente é raro. Muitas vezes os alunos querem nota, diploma, formatura, mas não conteúdo que leva a maior obediência. Tarefas são motivos de reclamações e choro, em vez de oportunidades de aprendizado. Muitos acham desnecessário o treinamento porque acham que já sabem de tudo.

Como vamos ver, Jesus ajudou Seus alunos a gostarem de aprender, a ter curiosidade, a crescer. Vital para acontecer isso é a humildade.

*3. Jesus queria formar pessoas que vivem em humildade*. A humildade foi um dos objetivos principais de Jesus, essencial para o crescimento e serviço. Repetidamente Ele chama os discípulos para a humildade, começando com a primeira mensagem registrada em Mateus 5-7. Ele constantemente exortava a não querer posição, status, privilégios ou títulos. Nada de aparência (Mt 6:1-6, 16-18). Tinham que ser como crianças (Mt 18:1-6). Ele mesmo demonstrou o máximo da humildade na Sua encarnação e nas atitudes de compaixão sacrificial, até se submeter a morte da cruz.

Aprender humildade não foi fácil. Até o final da escola de Jesus, os discípulos estavam ainda disputando posição (Lc 22:24-30). Graças a Deus parece que eles no final aprenderam e conseguiram dirigir a igreja e fazer discípulos com humildade.

Humildade para o missionário é essencial. É o remédio para livrar as pessoas dos conflitos interpessoais e interculturais, o etnocentrismo e preconceito racial. Paulo explica isso quando ele usa Jesus como exemplo a ser seguido em Filipenses 2. A unidade da igreja ou equipe depende da humildade. Fica claro na maneira com que Jesus tratou a mulher samaritana, o centurião, as crianças, a mulher com hemorragia. Não discriminou ninguem. Não rebvvaixou ninguem.

4*. Jesus queria formar pessoas que seriam comprometidos mestres da Palavra de Deus.* Os discípulos precisavam de profunda compreensão e amor pelas Escrituras. Jesus ensinava as Escrituras constantemente, comparava, abria a compreensão, aplicava, mostrando claramente que para Ele, elas eram sem erro, eram de Deus, eram para ser conhecidas e cumpridas. A teologia de Jesus era integral. A Bíblia é base e guia da vida e ministério e a missão ao mundo, totalmente verídica no seu conteúdo. Ele disse em Mateus 5:17-19:

Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.

Infelizmente em nossos dias este fundamento está ficando escasso. Há formandos de escolas de teologia e missiologia que não conhecem, não entendem e não levam a sério a Palavra de Deus. Há muitos que têm estas características não sabem ensiná-la. O crescimento e discipulado nas igrejas no Brasil e nos campos missionários ficam a mercê de pessoas despreparadas para ensinar a guardar tudo que Jesus ensinou (Mt 28:19).

Russell Shedd resumiu estes primeiros pontos do modelo de Jesus quando respondeu um e-mail perguntando quais devem ser os objetivos de um seminário. Ele disse:

Um seminário serve: 1) para humilhar os que acham que tem muito conhecimento de Deus e Sua palavra.  2) para ensinar a disciplina necessária para se aprofundar em qualquer conhecimento.  3) para aprender efetivamente a se comunicar.  4) para aprender a escolher prioridades na vida e ministério 5) para amar a Palavra e as pessoas (e-mail enviado em 05/2008).

Para Shedd, objetivos são de humildade, amor, conhecimento da Palavra e capacidade de ensiná-la.

Um desafio nosso em formar mestres é a escolaridade no Brasil. Frequentemente a Veja e outras revistas analisam as lacunas na formação de alunos, até com diplomas superiores, que são analfabetos funcionais. Andreas Schleicher, que comanda os rankings de educação da OCDE (organização que avalia nações), diz que os estudantes brasileiros “demonstram certa habilidade para decorar a matéria, mas se paralisam quando precisam estabelecer qualquer relação entre o que aprenderam na sala de aula e o mundo real” (Entrevista de Páginas Amarelas na **Veja**, 6 de agosto, 2008). Dificuldades de compreensão e aplicação devem ser amenizados antes de alguém ir para o campo missionário transcultural para ensinar a Palavra de Deus.

*5. Jesus queria formar pessoas livres do legalismo e etnocentrismo judaico*. Jesus quebrava normas e paradigmas. Em Lucas 6 Ele mediu palavras com as tradições judaicas mais importantes: o sábado, a importância da riqueza, o trato com os inimigos, perdão, o papel do mestre e o alunos. Em preparação do grande avanço ao mundo gentílico em Atos 10-11 e 15, Ele ensinou os discípulos que veio cumprir a lei, completá-la. Ele quebrava leis do Talmude, interpretações bíblicas exageradas e erradas. Os Judeus tinham colocado preceitos dos homens acima das Escrituras (Mt 15:6-9). Por isso eles tinham rejeitado Deus e que os gentios eram convidados no seu lugar (Lc 14; 20:9-19 [quando o vinhedo será dado para outros]). Os discípulos tinham que entender e seguir o verdadeiro significado das Escrituras e compreender o cumprimento em Jesus para o perdão do pecado e a Nova Aliança. (Cf Lc 4:25-27; Mt 21:12-14.)

O próprio grupo dos discípulos era heterogêneo. Não eram da mesma classe social, não tinham a mesma filosofia de vida, e eram bem diferentes em termos de comportamento e personalidade. Ele, como parte do treinamento, escolheu um grupo heterogêneo, já mostrando que a Igreja, mesmo composta de pessoas de todas as raças e tipos sociais, ia demonstrar ao mundo o milagre do amor e unidade do Corpo de Cristo.

Como enfrentamos o legalismo cultural e denominacional em nossas escolas? Todos nós temos traduções e idéias que não são bíblicas; são apenas práticas herdadas da história da nossa denominação ou influências culturais. Na escola devemos enfrentar costumes, inclusive os nossos, com a Bíblia. O grande problema de contextualização é a imposição da cultura, sem o missionário distinguir entre o que é puramente cultural e o que é bíblico. Às vezes nós tratamos o cultural como absoluto, e outras vezes tratamos absolutos bíblicos como culturais e dispensáveis. São problemas e necessidades que as escolas de preparo devem pensar com urgência.

*6. Jesus queria formar pessoas que vivem bem em comunidade* - como em Atos 2 e 4. Na escola dEle, Jesus vivia com os Seus discípulos. Criou um internato, que vamos examinar mais detalhadamente mais tarde. Tinham o mesmo estilo de vida, a mesma comida, enfrentavam as mesmas estradas poeirentas, sofreram as mesmas gozações, oposições e experimentaram as mesmas atuações milagrosas de Deus. Para Jesus, os Seus discípulos eram tão amados como a Sua própria família (Mt 12:46-58).

A comunidade da escola de Jesus era o fundamento da futura igreja. Convivência, compromisso mútuo, respeito, amor, compartilhar os bens, comer junto, tratar da família, do grupo, onde cada um tem sua parte para o bem do todo. João 13:34-35 disse que tinham que amar uns aos outros para que o mundo os reconhecesse como discípulos de Jesus. Esta é a visão de igreja em Atos e que os discípulos deixaram nas suas cartas e através dos seus próprios discípulos, como Barnabé e Paulo.

Para o missionário transcultural, a convivência e identificação é essencial, tanto com seus colegas como com as pessoas a quem foi servir e a igreja a ser plantada.

*7. Jesus queria formar pessoas que entendiam o valor de oração*. Jesus demonstrou na Sua própria vida como a oração era central (Mc 1:35-39; Mt 14:22-24). Ele orava constantement (Lc 5:16) e passou a noite toda em oração antes da escolha dos Doze (Lc 6:12-15). Ele ensinou como orar em Mateus 6:9-15, oração altamente missionária. É importante pedir (Mt 7:7-12). Quando viu a multidão, instruiu os discípulos a orarem para que o Senhor levantasse trabalhadores (Mt 9:35).

A nossa dificuldade é querer resolver os problemas, levantar recursos, decidir direções, sem incluir Deus, sem consultar a Deus ou ouvir de Deus. A diferença é quando os projetos são de Deus e nós é que nos enquadramos neles . Os discípulos tinham que orar antes de levantar e pregar no Dia de Pentecostes e nos dias seguintes. Os apóstolos tinham que ter tempo dedicado à oração e ao estudo da Palavra.

A escola que mais me impressionou sobre a importância da oração, e onde aprendi muito, foi em Cianorte-PR. Os próprios alunos mantinham uma vigília todas as sextas feiras à noite, antes do fim de semana. Eles também levantavam muitas vezes de madrugada para orar, ou iam para o matagal passar horas orando sozinhos. O fruto era nas libertações, curas e igrejas plantadas em toda aquela região.

*8. Jesus queria formar pessoas com poder. O poder foi colocado por Ele devidamente* em segundo lugar, depois da alegria da salvação. Após os discípulos voltarem de uma viagem missionária, eles se alegraram exageradamente por causa do poder de expulsar demônios e curar. Jesus chamou-os à atenção: “. . . alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (Lc 10:20).

O milagroso era integral na vida da escola missionária de Jesus. Ele pregava, amava, perdoava, libertava e curava. Os alunos tiveram pouca fé quando não conseguiram expulsar os demônios do menino em Marcos 9:14-29. Mas após Atos 2, vemos Pedro, João e os outros orando e vendo paralíticos andarem, endemoninhados libertos e ídolos queimados.

*9. Jesus queria formar missionários para o mundo inteiro.* Eles tinham que ajudar os necessitados (Mt 25:31-46). Tinham que reconhecer o amor de Deus pelos gentios. Em Lucas 13:28-30 Ele fala abertamente que muitos virão dos quatro cantos da terra para sentar com Abrão, Isaque e Jacó.

*10. Jesus ainda quer formar discípulos através das nossas escolas de missões.* Como podemos fazer isso? Quem está fazendo? Como? Como decidir objetivos e currículo? Uma atividade boa para decidir objetivos que dão direção é trabalhar em conjunto para analisar fundamentos bíblicos, necessidades dos alunos e realidade do campo, para depois decidir o currículo. A APMB fez isso em 1996, com os resultados publicados na Revista Capacitando, nº 6, 1998.

Outras escolas colocaram seus objetivos educacionais na internet:

Contamos com uma comunidade docente e discente internacional e de várias denominações, que trazem uma grande variedade de experiências profissionais e eclesiásticas. Através do poder de Deus, temos experimentado, dentro e fora da sala de aula, um convívio de amizade e respeito mútuos, que fazem do CEM uma grande família. Almejamos um ensino integral, com equilíbrio entre um alto padrão acadêmico, oportunidades de desenvolver habilidades práticas e um amadurecimento espiritual e emocional. Assim, promovemos um ambiente de aprendizagem sólida, com diálogo, que permite o desenvolvimento de convicções e crenças individuais, apropriadas para quem se prepara para o ministério transcultural (CEM, web site, 07/2008).

Do Centro Integrado de Educação e Missões (CIEM) no Rio de Janeiro temos uma lista de objetivos, ou áreas de Competências:

**1. Área Relacional -** Aperfeiçoamento do caráter cristão do aluno através de vivências de questões relativas aos relacionamentos de nível pessoal, familiar, profissional e ministerial.

**2. Área Bíblico-Teológica -** Estudo da Palavra de Deus e das ferramentas que permitem sua interpretação, proclamação e aplicação à vida pessoal e ministerial.

**3. Área Antropológica e Linguística -** Sensibilização das questões antropológicas e linguísticas que facilitem uma maior compreensão das questões culturais e a contextualização da mensagem bíblica.

**4. Área Educacional -** Integração da Teoria e Prática do Ensino da Palavra de Deus, análise de material didático e metodologias visando a elaboração de novos modelos educacionais.

**5. Área Histórica -** Conhecimento e análise da história a fim de valorizá-la como fundamento para o presente e construção do futuro.

**6. Área Instrumental -** Aprendizado e aplicação de métodos e técnicas necessárias para o desenvolvimento do ministério e construção de novas estratégias missionárias e educacionais (CIEM, web site, 11/07/2008).

Estas escolas refletem, os objetivos de Jesus. De acordo com Ele, acima de tudo, o missionário deve ser alguém que O segue como discípulo desprendido, humilde e com autoridade amorosa e poderosa que é resultado do conhecimento, do compromisso com a Palavra de Deus e da plenitude do Espírito Santo. Missionários precisam ser pessoas que conhecem Deus com temor e intimidade e que tem experimentado a graça transformadora sobre suas vidas, conversas, decisões, moralidade e missão. Devem ser pessoas que são capazes de obedecer a Grande Comissão na íntegra – Comissão de Mateus que Jesus deixou para Seus discípulos na Galiléia – batizar, sem receio, e ensinar todos a obedecerem tudo que Ele ensinou.[[2]](#footnote-2) Requer pesquisa, interesse, amor à Sua Palavra – pessoas que seguem o exemplo de Jesus com humildade, sensibilidade e identificação cultural. Este Jesus é o modelo mestre da formação de discípulos, de entrega da vida, de cumprir o propósito na morte, ressurreição e as**c**enção, dando lugar para o Espírito Santo continuar, através dos discípulos, a Sua missão.

Além destes objetivos principais, é necessário que cada missionário, igreja e agência missionária conheçam os objetivos específicos de cada missão e contexto. Para que a pessoa está sendo enviada? Para onde? Qual é a cultura? Quais os desafios, as necessidades e os pedidos dos que já estão no campo? As necessidades são múltiplas, e, com certeza, é de Deus que haja uma multiplicidade de modelos de treinamento missionário, alcançando pessoas diferentes, com diferentes dons e que vão para lugares diferentes. Uma escola apenas, ou um modelo só, não conseguiria preencher a necessidade de todos.

Estes são objetivos grandes, gerais, mas cada matéria e cada aula deve ter seus objetivos claros e específicos para poder focalizar aonde **se** quer chegar, colocados em termos de resultados. No andamento para a realização dos objetivos e propositos, Jesus valorizou a escolha dos Seus alunos – o Seu vestibular.

**O Vestibular da Escola Missionária de Jesus**

Jesus começou a alcançar Seus objetivos na seleção dos Seus alunos. Eles tinham que querer muito estudar com Ele, prontos a pagar o preço. Não foi nada fácil passar no vestibular da Escola Missionária de Jesus. Os requisitos para a entrada era o total despreendimento de tudo e a imediata disposição para seguir e obedecê-lO aonde fosse. Tinha que renunciar o eu e tomar a cruz. Tinha que perder a vida e o mundo (Mt 16:24-28). Mateus deixou a mesa cheia de dinheiro (Mt 9:9) e Pedro, André, João e Tiago deixaram os barcos cheios de peixes (Mc 1:16-20).

Poucos outros passaram. Foram excluídos o jovem rico que não quis vender o que tinha, o jovem que não se dispôs a deixar os costumes e tradições da sua família e outros que estavam mais preocupados com as coisas deste mundo ou a aceitação dos homens do que em aprender com Jesus. Jesus logo avisou que seguí-lO significava pobreza e sofrimento, pois nem Ele tinha onde colocar a cabeça a noite (Lc 9:58).

O vestibular de Jesus não importava escolaridade, raça, posição, “carisma” ou riqueza. Aceitou simples pescadores, políticos radicais e até pessoas despre**z**adas e odiadas pela sociedade, como Mateus. Jesus escolheu pessoas acostumadas com dificuldades e desafios na vida, pessoas que Ele sabia que podiam ser moldadas em sábios, fiéis e poderosos instrumentos da graça de Deus.

Claire Siddaway (1992, p. 26) escreveu sobre a escolha dos discípulos:

Jesus aceitou os discípulos com todas suas fraquezas, e continuamente vivia com eles e foi consciente das suas dúvidas e atitudes erradas, mas mesmo assim mostrou confiança e acreditou no seu potencial. Eles sentiam a liberdade nesta aceitação de expor suas questões, e Jesus respondeu, com explicações claras. Às vezes havia fracassos, como o de Pedro, mas Jesus compreendeu, mostrou a lição à ser aprendida e encorajou (Lc 22:31-34; Mt 14:28-31; 16:22-23). Pacientemente Ele transmitiu os princípios de caráter necessários para servos de Deus.

Não houve necessidade de testes sobre conhecimento geral ou bíblico para os discípulos de Jesus, pois todos eles foram bem ensinados nos seus lares e pelos rabinos nas sinagogas desde a infância. João 2:17 relata que os discípulos lembraram do Salmo 69:9 e puderam relacionar este texto ao ensino. Eles conheciam e criam nas Escrituras como verdade absoluta. Infelizmente não temos esta vantagem e por isso devemos verificar o nível de conhecimento e compromisso bíblico dos nossos alunos.

Há vários níveis de “vestibular” nas escolas de missões hoje. Em algumas escolas o candidato tem que ter aprovação da igreja, ter feito estudos prévios, ter a vida cristã aprovada, sentir certeza de uma chamada definida e conhecimento adequado. Mas em outras escolas o vestibular perdeu seu valor, ou nem existe. Não há pré-requisitos. Por razões financeiras, por desejo de crescer muito rapidamente ou ao menos sobreviver, algumas escolas descartam requisitos e todos que expressam desejo de estudar são aceitos. Não há aquele momento em que o candidato ouve: “Você está disposto a vender seus bens? Está disposto a voltar se preparar em outra área, inclusive na área de caráter e de experiência prática na sua igreja, antes de entrar na escola de missões?”

Uma parte comum do “vestibular” é ter uma carta de aprovação do pastor. Mas as vezes a carta é uma mera formalidade, resultado da falta de interesse ou conhecimento que o pastor tem do candidato. Às vezes o pastor assina, aliviado por que uma pessoa problemática vai para outras bandas! Ele pensa, “Quem sabe a escola de missões possa endireitar essa pessoa!”

Os Morávios tinham restrita regra de seleção; quem hesitava, mesmo só um pouquinho, não era aceito. Além disso, todos eram testados repetidamente com demoras e exames e testes de caráter e vida cristã. No final, os que passaram foram selecionados com sortes (Zinzendorf sabia que o campo missionário dependia da vontade de Deus!). Quem não fora aceito recebia aconselhamento para voltar para casa (Gallagher:239, 241).

O Instituto Bíblico Cristã Presbiteriano de Cianorte criou um vestibular interessante. Eles visaram alunos que já estavam atuando no ministério, inclusive alunos analfabetos. Eram pessoas conhecidas, aprovadas – evangelistas e pregadores que estavam fazendo diferença nas suas comunidades e igrejas. Quando começou, tinha mais ou menos 30 alunos, todos dispostos a cortar lenha, fazer blocos de cimento, estudar longas horas, viver juntos sem conforto nenhum e construir a sua escola do nada. Eram alunos de oração e fé. Para os que não sabiam ler, a escola providenciou um ano de alfabetização e a oportunidade de estudar nas escolas primárias da cidade. Ao mesmo tempo, estudaram matérias simples da Bíblia no Instituto. A escola produziu pastores e missionários com a porcentagem de 85% de permanência no ministério depois de 10 anos.[[3]](#footnote-3)

A qualidade e o êxito da escola podem muito bem depender de um vestibular. Se não tiver um filtro que envolva vida na igreja, disposição para alcançar a escolaridade necessária, seguir as regras e contribuir de forma positiva, a escola e o aluno vão sofrer. Os discípulos não estavam entrando numa escola fácil, e Jesus foi sábio em selecionar aqueles dispostos e preparados.

Se alguém não passar no vestibular, a escola pedir ao candidato completar primeiro outras coisas – gastar mais tempo aprendendo e trabalhando na sua igreja, completando escolaridade, quitando uma dívida, se livrando de um problema de caráter. Não é descartar a pessoa, mas orientá-la com amor e sabedoria. É mostrar o caminho para chegar lá. Se Deus tem chamado a pessoa e ela estiver disposta a pagar o preço, não haverá problema em esperar e caminhar mais antes de chegar ao treinamento missionário.

O Apóstolo Paulo tinha aprendido bem sobre a necessidade do vestibular. Quando Timóteo entrou na escola missionária ambulante de Paulo, ele foi incluído porque tinha boa reputação (At 16:1-3) e foi recomendado como alguém testado e aprovado e tinha aprendido as Escrituras desde cedo (2 Tm 3:15-17). Além disso, Timóteo teve uma prova dura de vestibular. Apesar de ser aprovado pela igreja, teve que passar pela cirurgia sem anestesia da circuncisão. Assim, ao ingressar na equipe missionária, pode ser útil nas sinagogas junto com Paulo. No final, Paulo mostra que o processo de seleção de homens e mulheres aprovados deve continuar – 2 Tm 2:2; 1 Tm 3:6-13, 3:2, 4: 6:11 (o ministro deve ser um “homem de Deus”).

**O Currículo Integrado da Escola Missionária de Jesus**

No currículo de Jesus houve muitas matérias. Tinha Teologia Bíblica e Base Bíblica de Missões (Mc 4:24-27 - Naamã e a viuva de Sidon), História de Missões no A.T., Antropologia e Contextualização (com instruções sobre identificação e limites), Comunicação (um assunto importante, inclusive transcultural) (Jo 4:1-42), Oração e Missões (Mt 6:5-15). Tinha ainda, Exegese, Homilética, Didática, Psicologia (paz e gozo) e Aconselhamento Cristão, como também Ação Social e Missões Urbanas, com grande dose de milagres. Em outras palavras, o currículo de Jesus não deixou de fora nada que fosse importante. Epistemologia fundamentava o currículo – a Palavra de Deus é a Verdade Eterna. Conhecimento e prática tiveram fundamentos nas Escrituras e eram coerentes com o ensino de Jesus. Para Jesus e os discípulos, a Palavra de Deus era relevante, verdadeira e para ser obedecida. (Cf Jo 16:1 e Mt 22:29 e 26:54). Não poderiam agir por causa de crises, por um jeitinho de última hora, ou de forma contraditória. Jesus conhecia Suas prioridades e as ensinou para os discípulos.

Poderíamos falar muito sobre currículo, defendendo tópicos a serem abordados, mas pelo tempo vamos nos restringir a alguns princípios.

O currículo de Jesus não era apenas acadêmico, ou apenas prática, ou ainda, apenas sobre o caráter na vida cristã. Era um pacote completo que incluía tudo isso, não separado em categorias ou departamentos, mas inter-relacionado e integrado. Foi fundamentado e saturado com as Escrituras, texto totalmente confiável com autoria de Deus, relevante e posto para ser obedecido. Os discípulos tinham que conhecer as Escrituras (cp. Jo 16:1; Mt 22:29) e mostrar seu amor por Jesus ao colocá-las em prática (Jo 14 e 15). As Escrituras tinham que ser cumpridas, sem interpretações fáceis ou convenientes. Jesus não fez o que seria contraditório ou contra as Escrituras (Mt 12:9-13 e 15:1-9), apesar de que muitas vezes Ele levava a uma compreensão maior do significado delas. Ele tinha firmes prioridades, baseadas na Bíblia (Mc 1:35-39).

Além disso, o currículo era relevante no cotidiano e nos acontecimentos da época. Ele apontava os objetos ao redor, relacionava verdades com o governo romano, com os exageros dos Fariseus, com o sofrimento, fome, doença e pobreza.

Para ser completo e profundo, Jesus precisava de três anos, tempo suficiente para as necessárias mudanças de cosmovisão, transformação de atitudes, crescimento em conhecimento, capacidade na missão com os outros e a descoberta de quem não servia para a missão. Menos tempo teria sido difícil na preparação de pessoas que iriam revolucionar o mundo com o amor e a salvação de Deus em Jesus Cristo, e fazer isso sem a Sua presença física.

Os discípulos de Jesus eram homens comprometidos. No processo Jesus não tratou os discípulos como “pão de ló”. Nem foi dando responsabilidades antes da hora certa. Ele sabia que seriam três longos anos de curso intensivo e profundo de teologia, missiologia, vida cristã, desenvolvimento de caráter e prática ministerial. Mesmo assim, não era tudo. Eles precisavam serem cheios do Espírito Santo para cumprir o propósito de Deus nas suas vidas e com este poder os discípulos ensinaram a guardar tudo que Jesus tinha os ensinado.

Este currículo deve ser levado mais a sério nos dias de hoje. Muitas vezes achamos que jogar umas noções de Bíblia, de estratégias enlatadas, de convivência superficial e de curto prazo, vai preparar missionários transculturais. Ao longo dos anos tenho ficado chocada várias vezes com alunos que eram considerados impecáveis (no sentido popular do termo), mas que no terceiro ou quarto ano de estudos, foram revelados como mentirosos, frequentadores da zona de prostituição e enganadores. Graças a Deus, foram poucos, mas aconteceu. Percebi que não conhecemos o caráter das pessoas logo no início. Felizmente pode-se colocar uma fachada por um bom tempo, mas não por todo tempo. Por isso o preparo adequado é importante.

Na palestra que dei no II Congresso Brasileiro de Missões, Guarapari, em 1998, falei de alguns modelos negativos: 1) o modelo não existente, em que as pessoas enviam dizendo, “Vá e Deus abençoe!” ou “estudo teológico só atrapalha” ou “não temos tempo”; 2) o modelo a jato, em que não há requisitos e todos, sem exceção, são enviados; 3) o modelo topa tudo, em que a escola não tem objetivos ou currículo planejado e deixa qualquer um dar aula, independente de experiência ou conhecimento; 4) Modelo exclusivamente intensivo, em que os alunos não tem tempo de reflexão, preparo ou participação nas aulas; 5) modelo apenas acadêmico, sem incluir caráter, vida espiritual ou prática ministerial; 6) Modelo fragmentado, que é irrelevante, sem centro integrante, separado do contexto, das igrejas e dos campos futuros; e o 7) Modelo fábrica de estatus, em que o aluno está lá para ter um diploma e ser reconhecido.

Sei que na história de missões Deus tem usado pessoas que passaram por todos estes tipos de treinamento. Mas quando lemos sobre as suas vidas, é possível ver que elas tinham preparo profundo nas suas igrejas, nas suas vidas e na busca pessoal do conhecimento de Deus através da Sua Palavra. Antes das nossas escolas existirem, Deus sabia preparar pessoas para Sua obra local e mundial. Ele usava homens como os Apóstolos em Jerusalém, como Barnabé, que ajudou Paulo na sua compreensão de fé, vida cristã e igreja local, e Paulo, que ensinou para Timóteo e muitos outros. Estruturas formais não podem suplantar este discipulado de relacionamento e ministério em comum. Em nossos dias precisa-se dos dois e integrados – teologia e missões nas igrejas, na vida, no ministério e nas escolas. Não acredito muito em preparo minimalista para o campo missionário. É falta de respeito com os modelos e ensinos bíblicos (1 Tm 1 e 4 NVI), especialmente com o exemplo de Jesus. Deus tem usado muitas pessoas sem treinamento formal, mas são pessoas com humildade suficiente para estar sempre buscando conhecimento e ouvindo como fazer, tanto de Deus, como dos outros. Se estas pessoas tivessem tido oportunidade de preparo, teriam aceitado com alegria. Não teriam falado “Não preciso”!

No modelo pioneiro dos Morávios, o próprio Zinzendorf ensinou os primeiros candidatos através de seus estudos de escrito, línguas, geografia, medicina e Bíblia. Eles eram solteiros, “cada um caracterizado por uma simplicidade severa (Gallagher:239).

Um perigo hoje é que várias igrejas estão enviando pessoas sem preparo ou criando seus próprios cursos de treinamento missionário. Existem poucas igrejas com capacidade para isso, tendo pessoas experientes e conhecedoras de tudo que seria necessário para um missionário chegar ao campo, equipado para enfrentar o choque cultural, desafios de sobrevivência, comunicação e bagagem suficiente para “ensinar a guardar tudo que Jesus ensinou”, fazendo discípulos e plantando novas igrejas missionárias.

Há outro modelo essencial para todos os missionários, o de *continuidade*. Os apóstolos não pararam de aprender e aumentar a compreensão da Bíblia através do Espírito Santo. Podemos ver isto nos acontecimentos de Atos 10, 11 e 15 quando os paradigmas foram expandindo. Há mais possibilidades para o modelo de curto prazo se houver um programa de continuação dos estudos. Pode ter três meses de estudos intensivos, com o envio por dois ou três anos a um campo de trabalho, acompanhados por líderes mais experientes. Durante estes anos, haverá cursos formais periódicos, ajudando os alunos a crescerem de forma relevante no seu contexto e trabalho. Mas não são apenas os formandos de cursos pequenos que precisam, todos os missionários precisam continuar aprendendo. Marcos Amado escreve sobre isso:

Quando terminamos os estudos nos seminários bíblicos e o treinamento missiológico, temos a tendência de pensar que já estamos prontos para chegar no país alvo onde trabalharemos para produzir frutos. Em alguns casos isto poderá acontecer, mas a experiência que temos tido durante quase dez anos treinando latinos entre os árabes da África do Norte nos tem mostrado que a grande maioria dos obreiros necessitam de um processo contínuo de capacitação. Em outras palavras, o processo de treinamento começa, mas não termina, no nosso país de origem. Deve continuar no campo missionário (Amado, 2001).

A pesquisa de ReMap II enfatizou a importância do treinamento contínuo. É especialmente importante para os missionários sem muita escolaridade formal terem oportunidades de crescimento enquanto estão trabalhando na prática (Hay, et.al. 55-68). Isto é especialmente importante na área de conhecimento bíblico. Os autores escreveram na mesma pesquisa que

. . . Uma preocupação séria é que mesmo que os missionários conhecem a Bíblia, (...) eles pode não ter idéia de como pode ser aplicada em situações missionárias. [Após visitar um grupo de 25 missionários num estudo bíblico] eu tinha a impressão que, enquanto os missionários, a Bíblia tinha muito pouca importância para seu trabalho real (Ibid., 107).

Para implementar este modelo, a Missão JUVEP criou o “Projeto Radical Sertão”, e montou um programa em termos experimentais com missionários para a zona rural do sertão (menos que 0,1% de evangélicos) de seis meses de preparo e um ano de trabalho. A idéia é dar um mês de prática no sertão e cinco meses de bases bíblicas e missiológicas mínimas para um grupo de pessoas que às vezes não têm nenhum preparo formal, mas que são comprometidos na vida e no serviço cristão. Depois são enviados aos seus campos, e terão uma semana de aulas, com crédito, no seminário da Juvep, a cada seis semanas. O objetivo deste novo projeto é duplo: alcançar os não alcançados no sertão nordestino e começar o despertamento e treinamento de missionários de carreira. Cremos que vários vão voltar e terminar seus estudos teológicos e missiológicos para serem enviados definitivamente para um campo missionário.

Para missionários de carreira, especialmente aqueles que serão pioneiros nos seus campos, tradutores da Bíblia, evangelistas, discipuladores e plantadores de igrejas, um tempo de preparo mais completo é importante. Se vão levar o Evangelho e a Palavra de Deus, têm que conhecê-los e tê-los evidentes nas suas vidas, ética e relacionamentos. Se vão fundar igrejas em outras culturas, ensinar a Bíblia e a vida cristã, é necessário conhecer o conceito “igreja” na Bíblia e na história e serem pessoas seguras no seu próprio compromisso com Deus. Para a vida e comunicação transcultural, precisam aprender o que a Bíblia fala sobre isso e tudo que podemos aprender da história de missões e a ciência de missões em nossos dias. Precisam saber sobre as controvérsias, as questões, as possibilidades de atuação e de cooperação, ou não cooperação.

Nossos currículos devem surgir de alvos bíblicos, do nosso contexto e das necessidades do contexto cultural no campo missionário. Não devem ser importados ou pré-fabricados, mas baseados na Palavra e integrados com teologia, prática e vida, conscientes da história da igreja e das missões.

**O Currículo Oculto da Escola Missionária de Jesus**

O currículo oculto se refere ao ambiente da escola e aos relacionamentos entre as pessoas. É aquilo que o aluno observa e sente na realidade dia após dia. Uma maneira de avaliar a qualidade do treinamento missionário é observar o currículo escondido, ou informal. É olhar para o que está sendo aprendido nos corredores e através das atitudes das pessoas que dirigem, ensinam e trabalham na escola.

O currículo oculto de Jesus foi de peso. Na prática do dia a dia ele mostrou que era servo, sem títulos, privilégios ou mordomias especiais. Para Ele todos eram igualmente dignos da Sua atenção, do centurião romano ao cego pedinte, Jesus parava para ouvir as perguntas, atender as necessidades, dar atenção às crianças. Jesus comia com publicanos e pecadores (Mt 9:10), se dava com leprosos (Mt 8:1-4), cegos (Jo 9, Mt 20:29-34), surdos (Mc 7:32-35), paralíticos (Mt 9:1-7 e endemoninhados (Mt 12:22). Incluiu samaritanos e uma mulher Cananéia no Seu repertório. Por Ele, ninguém era desprezado ou marginalizado. Não direcionou Seu amor apenas para uma faixa da população excluindo outras. Os poderosos fariseus foram os que levaram as maiores críticas de Jesus, mostrando que Ele não se dobrava diante da influência, perigo ou opinião popular. Não hesitou em se lançar contra os mercadejadores religiosos no Templo. Jesus lavou os pés dos discípulos e os instruiu para fazerem o mesmo.

O currículo da escola missionária de Jesus dependia em grande parte do currículo oculto. Vemos Jesus sendo servo, lavando pés e não abusando da posição, ou querendo privilégios e mordomias. Na comunidade de Jesus não havia nenhum título que distinguia um dos outros. Jesus era Jesus, Pedro, Pedro e João, João. Jesus ensinou submissão a quem merece, especialmente a Palavra de Deus e ao Seu ensino, como Filho de Deus. A falta de hierarquias, títulos e privilégios não significava anarquia e auto determinação. A aparência não era o mais importante, mas sim a essência do discipulado.

Infelizmente é no currículo oculto que muitos modelos de treinamento falham. É difícil ser um líder-servo em nossa cultura que valoriza tanto posição e estatus. É difícil ter um aluno que quer aprender, sem se importar com notas, diploma e título.

Há algumas dificuldades mais específicas e fortes no ensino do currículo oculto no Brasil. Como podemos avaliar se nossos currículos ocultos estão de acordo com o de Jesus, ou não? Como a cultura brasileira nos ajuda ou nos atrapalha a aplicar o modelo de Jesus nesta área? Que tipo de missionários estamos formando? Que tipo de aluno estamos aceitando e preparando? Penso em dois exemplos que são bastante comuns:

*1. Diretor/professor “padre-patrão”.*

Lois McKinny me ajudou a entender o conceito “padre-patrão” muitos anos atrás. Nosso modelo cultural é aquele em que a pessoa está acima das outras, é mais importante, isto pela riqueza, posição ou título. “Comendador”, “fidalgo”, “coronel” eram títulos em nossa história que todos almejavam, pois com isso adquiriam um nível acima do “cidadão” ou “sujeito” comum (cf Roberto da Matta).

Sherwood e Judy Lingenfelter comenta neste ponto:

Ao longo dos Evangelhos Jesus é descrito como um mestre, ensinando com autoridade e poder. No entanto ele nunca exerce seu poder ou autoridade contra seus alunos (...) Em João 13, Jesus reconhece seu papel como mestre e Senhor sobre seus discípulos, mas toma uma toalha e lava seus pés. Este ato simboliza poderosamente o serviço e captura a essência de um Cristo-centrico relacionamento mestre-discípulo”(Lingenfelter e Lingenfelter, 2003:43).

*2. Aluno servido e exigente*.

O comum no sistema educacional brasileiro, inclusive nas escolas cristãs, é a idéia que o aluno está pagando para ser servido. Ele paga, completa as exigências acadêmicas, tira o bacharel ou outro diploma, tudo para o bem dele. A escola, os professores e a administração, têm que cumprir as exigências legais e as expectativas do aluno e da sua família. Tem que dar boa comida, vida vomfortável e não muitas tarefas.

Os sinais deste tipo de aluno estão no olhar arrogante para o professor – “E aí professor! Que vai *dar* para mim hoje?”; ou nas atitudes exigentes sobre o internato – “Esta comida é terrível! Estamos *pagando* tanto para comer isso?”; ou nas reclamações raivosas das notas – “Não *aceit*o esta nota!” O aluno não agradece, não reconhece suas próprias falhas e passa o tempo todo exigindo serviço.

A escola que permite estas atitudes está perdendo a essência do treinamento central de Jesus. Ele trabalhou três anos para mostrar a Seus discípulos sobre a necessidade de servir, não ser servido, de ser o último, não o primeiro. Ele sabia que se Seus discípulos iam levar o Evangelho ao mundo e ser o fundamento da Igreja que ia crescer inabalavelmente até aos confins da terra, eles tinham que ter espírito de servo. Eles iam precisar investir no serviço aos outros, até mesmo para com as pessoas bem diferentes, gastando tudo para ensinar, discipular e até dar as suas vidas como preço da fidelidade à comissão missionária. Dificilmente pessoas dominadoras e exigentes seriam capazes desta tarefa.

A última vez que lecionei na Missão Kairós, notei a boa vontade de cada aluno em servir aos outros. Quem tinha que levantar de madrugada para acender a lenha do fogão, buscar pão, fazer café, limpar os banheiros, capinar, fazia com alegria. A boa liderança e o ensino desde o início colocando tudo isso como parte do treinamento, fez com que os alunos valorizassem e cumprissem bem as tarefas**.**

Minha experiência em Cianorte também foi muito positiva neste sentido, pelo fato da escola não ter dinheiro. Todas as contas eram somadas no final do mês e divididas entre os alunos. Eles pagavam o que consumiam, dando o sentido de membro efetivo, de responsável, não de alguém a ser servido. A primeira vez que fui lá, vi um homem de chapéu velho capinando. Perguntei para ele onde eu podia achar o diretor da escola. Era ele em pessoa – Pr. Décio de Azevedo.

*3. Aluno Buscador de Status*

“*Eu* sou bacharel!” “*Eu* fiz o treinamento missionário!” - são palavras de alunos e formados que se impõe arrogantemente sobre os colegas e que acham que chegaram ao topo do conhecimento, sem ter mais nada a aprender. Exigem títulos, deferência e até descontos no mercado. Olham com desdém para os outros, especialmente qualquer pessoa que possa ameaçar sua posição.

Se o missionário chegar ao campo, sem espírito de aprendiz, quais serão os resultados? Uma pessoa arrogante que impõe sua própria cultura, que conhece a Bíblia superficialmente, e continua no mesmo patamar, que não consegue se submeter e respeitar os outros, especialmente líderes locais. Sem humildade, o missionário não vai conseguir se adaptar, formar outros, amar com desprendimento e continuar a crescer em tudo na sua vida. Algumas vezes nossas escolas estão na contramão deste caminho que o próprio Jesus trilhou e ensinou com muita ênfase. Formamos pessoas que acham que já chegaram ao topo e que são os “tais”! Que o Senhor nos ajude a ser exemplo de humildade e de aprendizes e lutar para que nossos alunos cheguem a esta altura também.

Numa comunidade saudável de preparo missionário, todos são pessoas importantes, não “cidadãos” sem importância (cp com Roberto da Matta). A malícia, as piadas destrutivas, o jeitinho desonesto são tratados e sarados. Responsabilidade toma o lugar do fatalismo.

**A Didática Dinâmica da Escola Missionária de Jesus**

A didática de Jesus é tremenda. Judith e Sherwood Lingenfelter descrevem o modelo de Jesus como tendo

...lições cheias de citações das Escrituras, histórias baseadas na vida econômica e social local, e parábolas que demonstraram uma profunda compreensão do cotidiano dos alunos. Sua sala de aula foi em todo lugar – numa casa, num barco, na praia, nos planícies, nas montanhas, ou no caminho. Ele ensinou usando os contextos de trabalho, família, comunidade, e vida religiosa. Ele usou ilustrações práticas, curou os doentes, libertou de demônios, e abordou pessoas no meio das suas crises familiares ou de relacionamentos. Jesus engajou seus alunos durante seus trabalhos, no sábado e nos debates públicos. Ele os encontrou em qualquer lugar onde podia ensiná-los efetivamente a pensar de novas maneiras sobre seus relacionamentos com ele, com Deus e com o mundo (Lingenfelter e Lingenfelter, 2003:21-22).

É muito difícil resumir a didática do Mestre dos Mestres, mas vamos tentar fazê-lo, dividindo por assuntos.

*1. O Ensino de Jesus era Variado e Envolvente*

O método do ensino de Jesus levou os discípulos pensar e reagir. Seu ensino foi cativante, relevante, envolvente, variado e integrado. Jesus usava muitos instrumentos de ensino como parábolas, estudos de casos (o Bom Samaritano em Lc 10:25-37 e o dono do vinhedo em Mc 12:1-11 são exemplos) e perguntas. Em uma interação perfeita de vida, das Escrituras e do ministério prático, Ele incluía o ser, o saber e o fazer. Tinha momentos formais com palestras e sermões, mas também momentos não-formais com perguntas direcionadas e tarefas práticas. Na maior parte do tempo Seu ensino era informa, acontecendo naturalmente nas andanças dos caminhos poeirentos da Palestina e nas ruas agitadas de Jerusalém. O aluno tinha que aprender usando o raciocínio e aplicando verdades eternas no cotidiano.

Jesus sabia aproveitar as oportunidades, envolver os alunos, chamar atenção, construir conhecimento baseado no que o aluno já tinha. Ele conhecia a capacidade dos alunos e ensinava de acordo (Mc 4:33 – “E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a Palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes”). Jesus ensinava verdades profundas sobre Deus que seriam o fundamento de vida em qualquer contexto. Ele dava palestras, mas incluía mistérios para que os alunos O procurassem depois para esclarecimentos. Incitava a curiosidade e aplicava tudo na prática da vida (e o semeador em Lc 8:9).

Quando Jesus ensinava, Ele dava conteúdo, mas não em estilo de palestras monótonas ou usando retórica bonita, mas vazia. Contava histórias, usava “riddles”, usava diálogo, perguntas penetrantes (Lc 9:18-20), perguntas retóricas (Lc 5:22; 6:3-5, 9-10, etc.), mistérios, narrativas, histórias com perguntas aplicativas (Lc 7:36-50 [42];10:25-37; 20:3), milagres, ensino, interação, comunidade, prática. Ensinou com naturalidade e informalidade. Ensinou o velho e o novo (Mt 13:52).

É impossível em poucas palavras descrever a dinâmica do ensino de Jesus. Seria muito importante notar como Ele fazia nos Evangelhos e o que ensinava. Dois importantes livros foram publicados sobre isso: *A Pedagogia de Jesus* de J.M. Price (JUERP) e *O Treinamento dos Doze* de Alexander Bruce (CPAD). Vale a pena notar o ensino de Jesus na leitura bíblica e como explicado nestes dois livros.

*2. O Ensino de Jesus Era Integrado*

O ensino e o ministério de Jesus era integrado e ancorado nas Escrituras. As bases bíblicas e teológicas eram fundamento e matriz para a vida e o trabalho. Ele veio cumprir, não uma agenda pessoal, mas a vontade de Deus Pai como revelada nas Escrituras. Ele usou 38 citações diretas, 50 vezes linguagem paralela e citou 21 livros do Antigo Testamento. O ensino era saturado com as Escrituras (Price:82).[[4]](#footnote-4)

Tudo era integral, abrangendo caráter, atitudes, conhecimento, vida espiritual e social, e prática ministerial. Levou tempo suficiente para transformação. Jesus instruía, perguntava, chamava atenção, os enviava sozinhos para depois recebê-los de volta com alegria e com correções importantes.

Tenho tentado seguir o modelo de integração nas escolas onde tenho passado e também am algumas matérias, como “Missões em Efésios”, onde o aluno busca no texto bíblico o sentido verdadeiro e tem que aplicá-lo à sua vida, a sua igreja e a um caso ou um campo missionário hipotético. Os resultados têm sido positivos e recomendo este método para outros que importam com o ensino integrado de missões.

*3. Jesus Usou Ensino Participativo – no Caminho, não na Sala de Aula*

Jesus ensinava no caminho. Usava acontecimentos do cotidiano para fazer perguntas de aplicação e compreensão. “Quem dizem que sou?” “E Vocês?” Ele levou os discípulos consigo – viveram e ministraram juntos. Lingenfelter escreve: “Eles andavam juntos, comiam juntos, observavam Jesus ensinar, participaram com Ele nos milagres, oravam juntos, e dormiram juntos em casas, ao longo do caminho e no Jardim de Getsemane” (2003:66). Jesus era modelo vivo de tudo que ele queria passar para eles. Eles peregrinavam ombro a ombro com o mestre Jesus. O aprendizado não era de gabinete, sala de aula, ou na distante internet.

Jesus fazia na prática o que ensinava para os Seus discípulos. Eles O acharam orando de madrugada, calmo na tempestade, curando e libertando pessoas necessitadas, submetendo-se a cruz, ressurreto em vitória! Ele às vezes levava os discípulos à parte, apenas eles, para o ensino maior (Mc 9:30), na intimidade em retiros e vigílias. Na Escola Missionária de Jesus não existia formalidades, mas espontaneidade, profundo respeito e constante aprendizado.

Ao contrário de muitos modelos de hoje, o treinamento de Jesus não era elitista, coronelista, “bancário”, decorativo, tradicional, mas sim, dinâmico e discipulador. Os métodos didáticos foram coerentes com os objetivos e o contexto da escola e o aluno foi levado a avaliar suas idéias, pressupostos, práticas, comparando-os com as Escrituras. Os alunos participavam constantemente do aprendizado, sempre tendo oportunidades de colocá-los em prática. Não tinha apostilas pré-fabricadas, fórmulas enlatadas e hierarquias do professor dominante.

*4. Jesus Era Contextualizado no Seu Ensino*

Além do fato que Ele próprio se fez carne, se fez presente, Jesus era totalmente contextualizado no Seu ensino. Eleusava recursos locais, a linguagem, categorias cognitivas e tradições retóricas que eram da cultura judaica da época. Não usou abstrações teológicas, mas por meio de formas conhecidas e con**c**retas. Usou as imagens comuns da vida cotidiana rural. A pesca e o cultivo, plantas e odres, terra e sal se tornaram a essência da Sua atividade teológica. Vinhedos, pastos, pomares, rebanhos, pombas, raposas, chuva, vento, pardais, luz, sal eram exemplos concretos da vida diária para ilustrar as verdades eternas dEle. Desde o início o evangelho foi colocado em formas locais, relevantes à cultura (Flemming:21).

*5. O Ensino de Jesus Era Confrontivo e Transformador*

Os alunos de Jesus não eram passivos. Eles participavam ativamente no processo de aprendizado. É bom ter 20 alunos de missões ouvindo palestras, mas que sejam 20 alunos ligados e capazes de aplicar e passar para frente o aprendido.

O verdadeiro aprendizado acontece quando há ação de acordo. Jesus não estava preocupado com lindos esboços ou interessantes dinâmicas em si, mas nos resultados de alunos transformados no seu interior e capazes de passar isto para outros. (Lc 6:45).

Um exemplo disso seria na reformas sociais. Jesus, em vez de brigar com sistemas injustos, trabalhou no fundamento da consciência social. Atitudes de base transformadas levou a igreja de Jerusalém cuidar uns dos outros, compartilhar. Levou os crentes considerar escravos como irmãos e mulheres como dignos de liderança e de atenção. Isto repercurtiu em transformações séculos mais tarde e deve continuar hoje.

O ensino de Jesus não era legalista - faça isto, muda isto. Era transformador. Jesus fez questão de quebrar paradigmas arraigadas do judaismo legalista (Lk 6:40). O caráter era algo primordial. Jesus queria transformação de atitudes, motivações, pressupostos e preconceitos. Pouco a pouco Ele mostrava para os discípulos que os gentios iam ser incluídos na missão deles, quebrando seu etnocentrismo. Ele falava de mundo, não só de Israel. A oração dominical era para que a vontade dEle fosse feito na terra como no céu (Mt 6:10). Integral era amor, honestidade, humildade, fidelidade, convicção e firmeza frente à cultura e as forças do mal. Jesus se importou mais com motivos do que com ações externas (Mt 23:27-28) e com o coração mais do que com atos (Mt 5:21-30). Não criou legalismo, mas compromisso sacrificial.

Jesus foi em nada cativo da cultura das modas de ensino ou de práticas ministeriais. Ele questionava e criticava a cultura religiosa e política, dizendo que os discípulos tinham que ser totalmente diferentes. Contextualização para Jesus foi corajosamente baseada em limites bíblicos corretamente compreendidos. Ele amou e se identificou profundamente com as pessoas nas suas culturas (Fp 2), mas sempre levava à transformação.

Mateus 20:20-28 é exemplo disso. João e Tiago queriam ser os mais importantes no Reino de Jesus, mas Ele chamou a atenção deles, e dos outros que estavam bravos:

Sabeis que os governadores dos gentios os dominam, e os seus grandes exercem autoridades sobre eles. Não será assim entre vós; antes, qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo; assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.

Este ensino era radical numa época quando todos queriam ser importantes. Jesus pegou o gancho numa forma cultural (o governo) para mostrar que as suas vidas e a sua Igreja futura não poderiam ser iguais à cultura do contexto. Não era para eles serem iguais, mas categoricamente diferentes, sempre refletindo a própria vida do seu Mestre, que veio para servir e se entregar. O missionário que vai formar discípulos de perto ou de longe não pode ser uma pessoa que quer status, reconhecimento, conforto, fama, privilégio. Não pode ser uma pessoa conformada com o *estatus quo* da sua época. Tem que ser uma pessoa corajosa que se sacrifica para investir a sua vida em outras vidas, que respeita, mas ao mesmo tempo ensina e direciona. Jesus confronta a cultura, chama atenção e ensina o caminho do ministério verdadeiro, o de servo.

*7. O Ensino de Jesus Não Era Tudo*

Antes de sair, Jesus indicou a chave para poder cumprir tudo que tinham aprendido e experimentado – o poder do Espírito Santo.

Podemos ver os resultados no Dia de Pentecostes e no subsequente plantio e crescimento de igrejas vibrantes, fieis, evangelizadoras e missionárias. É só ler Atos, as Epístolas e olhar para as nossas próprias vidas para ver o que aconteceu. E isto há de continuar através das nossas escolas, igrejas e missões.

*8. Os Resultados do Ensino de Jesus*

Paulo reflete o que aprendeu de Jesus através de Barnabé e os Apóstolos na sua carta a Timóteo:

Ordene e ensine estas coisas. Ninguém o despreza pelo fato de você ser jovem [provavelmente tinha por volta de 35 anos, mas era solteiro], mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza. Até a minha chegada, dedique-se a leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino. Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros. [Foi escolhido e enviado pela igreja.]

Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso. [Ele continuava crescendo!] Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem (1 Tm 4:11-16 NVI).

Não se precipite em impor as mãos sobre ninguém [como ele foi bem preparado, ele tinha que continuar comissionando pessoas maduras e com bom preparo] e não participe dos pecados dos outros. Conserve-se puro (1 Tm 5:22 NVI).

Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso [falsas doutrinas e amor ao lucro em 1 Timóteo 6:1-10] e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão. Combata o bom combate da fé. Tome posse da vida eterna, para a qual você foi chamado e fez a boa confissão na presença de muitas testemunhas. Diante de Deus, que a tudo dá vida, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos fez a boa confissão, eu lhe recomendo: guarde este mandamento imaculado e irrepreensível, at**é** a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, a qual Deus fará se cumprir no seu devido tempo (1 Tm 6:11-15 NVI).

Portanto, você meu filho, fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus. E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros (2 Tm 2:1-2 NVI).

*Em nossas escolas* o processo continua. Como nós estamos? Que o Senhor nos ajude a sermos fiéis ao modelo e ao ensino de Jesus nos nossos treinamentos e em nossos relacionamentos com aqueles que vão para longe. O retorno é grande[[5]](#footnote-5) mas com práticas boas e bíblicas, podemos construir outra camada na construção do Templo de Deus nesta terra.

Nos dias de hoje a literatura e recursos accessíveis sobre estilos didáticos são abundantes. Há anos que a AMTB e depois a APMB oferecem consultas, boletins e a revista *Capacitando* para o melhoramento da didática do ensino missionário.

O famoso professor de educação, Ted Ward, um formador de opinião nos Estados Unidos e muitos outros países, enfatisava constantemente a necessidade da sala de aula participativa e não ditadora (onde o professor é ditador). A *experiência* do aluno na sala de aula ensina tanto quanto o conteúdo. Se o professor é dominador arrogante, provavelmente o futuro missionário será também. O objetivo principal deve ser formar pessoas que sabem aprender, que *gostem* de aprender e que vão continuar aprendendo ao longo da vida. Pessoas com espírito de aprendiz. O que contribui para isso, ou não?

É comum em nossos dias usar de palestras, apostilas e o “Power Point”. Este modelo tem o perigo de formar um aluno passivo, sem interação, participação ou reflexão. Por necessidades módulos intensivos se encaixam neste padrão. Não há tempo para o aluno pesquisar, fazer tarefas, vir para a aula preparado para participar, estando por dentro do assunto e capaz de crescer sob o que já aprendeu sozinho. Paulo Freire chamou isto de “bancário”, frase famosa indicando uma passividade da parte do aluno que recebe os dados sem participar, questionar, ou pôr em prática.

Incluí Power Point neste modelo, pois se tornou sinal de bom ensino, com um professor que pode desenhar, colocar imagens, atrair o aluno com a arte da apresentação. Recentemente têm chamado à atenção as falhas deste sistema. Se não usado de forma interativa, o power point é um desenvolvimento artístico do sistema bancário. Pode ter conteúdo e beleza, mas ainda o aluno está passivo no processo de aprender.

O uso de apostilas, quase uma exigência máxima do ensino no Brasil, também pode matar o incentivo e participação do aluno. No mínimo deve ser um esboço apenas, para o aluno ser forçado a escrever alguma coisa e prestar atenção.

O modelo participativo e integrado melhor segue o modelo de Jesus. Quando eu cheguei no Brasil, era a clássica palestrante, com esboço pronto, conteúdo detalhado e objetivos bem definidos. Queria que os alunos ouvissem atentamente, sem falar, interromper ou participar. Desconhecia dinâmicas ou jogos de simulação. As provas testavam conhecimento cognitivo, sem a preocupação com atitudes, transformação ou a prática. Era uma americana impondo estilo didático de forma dura.

Depois da primeira matéria com Ted Ward no Seminário de Trinity, tudo foi colocado em cheque. Para que haja aprendizado, o aluno tem que participar e falar. Ele tem que ensinar para outros. Leituras não são suficientes; têm que ser aplicadas, analisadas e criticadas. Grupos pequenos é um instrumento valioso para ajudar o aluno a gravar e aplicar o aprendizado, mas têm que ser grupos bem estruturados, preparados previamente com resultados concretos e visíveis. Estes conceitos são escritos nas revistas da APMB, *Capacitando,* e não cabem no tempo ou espaço deste capítulo. Por agora apenas vou citar algumas colocações:

Verbalizar o conteúdo ajuda o processo de aprendizagem. Se o aluno não é capaz de expressar em suas próprias palavras aquilo que ouviu, não aprendeu de verdade (Burns, 1994:13).

O preparo cultural dos missionários transculturais é muito mais do que ensinar técnicas que garantem o sucesso. É ensinar a ouvir e entender, a comunicar, a respeitar, a viver em meio a uma cultura estranha de maneira humilde, sem necessidade de autodefesa ou de mostrar superioridade, como representantes daquele que se esvaziou para se tornar um de nós. Isto não vai impedir o missionário de cometer erros, mas vai ajudá-lo a discernir os erros e a fazer os reparos necessários. Vai nos ajudar a transmitir a mensagem do evangelho sem criar barreiras à sua compreensão e à sua aceitação, sem impor uma cultura estrangeira. Que o Senhor nos dê Sua sabedoria.... (Antonia Leonora van der Meer, 1998:44).

Outros autores chamam este modelo de “discipulado”, “formação”, “peregrinação”. Cheesman (1995:46) termina seu artigo com a citação de Bonaventura em *The Soul Journey unto God* (A Jornada da Alma para Deus), querendo formandos

(...) que não creia[m] que a leitura é suficiente sem a unção, a especulação sem a devoção, a investigação sem a admiração, a observação sem a alegria, o trabalho sem a piedade, o conhecimento sem o amor, o entendimento sem a humildade, o esforço sem a graça, a reflexão (...) sem a sabedoria divinamente inspirada (Tirada da *Evangelical Review of Theology****,*** v. 17, nº 4, Outubro 1993).

Com o preparo e a participação ativa do aluno, é mais fácil criar um currículo integrado para cada aula e para cada matéria. Pode-se basear e avaliar conclusões missiológicas em textos bíblicos ou conceitos teológicos. Também trazer e aplicar conhecimento cognitivo com os contextos da prática ministerial e do cotidiano. E ainda se pode fazer perguntas, criar dinâmicas, forçar o raciocínio e a praticidade dos conhecimentos.

O uso de Efésios como base para o estudo de missiologia integrada dá para os alunos oportunidade de participar no processo de fazer uma boa exegese de textos e aplicá-la nas suas vidas e a vida do missionário transcultural. Possibilita a análise de questões, problemas e desafios missionários, dando ao aluno uma prática de descobrir respostas no texto bíblico. Importantes também são os estudos de caso, jogos de simulação, grupos pequenos e pesquisa de campo. Bertil Ekström avaliou este método como tendo os seguintes fatores a seu favor: 1) valorização do texto bíblico; 2) treinamento exegético; 3) boa base para missiologia; 4) desenvolvimento da criatividade; 5) melhor retenção do conteúdo; e 6) oportunidade de elaborar uma teologia contextualizada (Ekström, 1997:29-30).

O missionário no campo dificilmente depende da Bíblia para suas decisões. No estudo do ReMap II, Jonathan Ingleby (em Hay, et. Al., 2007:107) analisa os resultados como indicando o seguinte problema de falta de integração:

. . . Uma preocupação séria é que mesmo que os missionários conheçam a Bíblia, (...) eles podem não ter idéia de como pode ser aplicada em situações missionárias. [Após visitar um grupo de 25 missionários num estudo bíblico] eu tinha a impressão que, enquanto os missionários, a Bíblia tinha muito pouca importância para seu trabalho real.

Infelizmente muitos missionários dependem do pragmatismo, do sistema que aprendeu no Brasil e do mais fácil e rápido. Outro tipo de experiência na sala de aula tem o potencial de mudar esta direção para ter missionários mais atentos a Palavra de Deus na sua vida e prática. Devemos começar a andar nesta direção levando a sério os modelos Bíblicos do próprio treinamento missionário, especialmente o modelo de Jesus em relação aos Seus 12 discípulos.

Ted Ward apoiava a necessidade do aluno ser levado à raciocinar por ele mesmo, aprendendo como estudar e pegando gosto pelo estudo e pela Palavra de Deus. O aluno deve conhecer fontes de pesquisa e como avançar no aperfeiçoamento para a vida toda, aprendendo a tirar conclusões baseadas em princípios aprendidos e aplicando-as na vida diária e no ministério com avaliação contínua.

Jon Lewis e Robert Brynjolfson ajuda os que estão no preparo missionário com o seu livro sobre treinamento. O alvo deles é a formação de missionários praticantes que são reflexivos. É o que eu gosto de chamar de missionários que são missiológos. São pessoas que sabem fazer o trabalho, mas também entendem porque. É isso que Jesus fez na Sua escola missionária – preparou homens e mulheres para a prática e à compreensão de missões.

**O Internato e comunidade da Escola Missionária de Jesus**

Eu tenho estudado e lecionado em várias escolas com o sistema de internato. Algumas não tinha muitas regras e outras tinham muitas. Não podiam falar com alguém do sexo oposto, tinha que ter silêncio na hora “X” e levantar bem cedo. Banca de estudo, vestimento, barulho, saidas, etc. eram regulamentados.

Parece que não tinham muitas regras no internato ambulante de Jesus, talvez porque os alunos estavam dispostos a lhe seguir qualquer que fosse o preço em termos de moradia e comida, provavelmente devido ao vestibular que eliminou maiores complicações. Eles se centralizavam tanto em Jesus que registrou apenas raras irritações, brigas, competições ou ciúmes entre eles. A preocupação com quem seria o maior era notável exceção.

Foi no internato/comunidade de Jesus onde se desenvolveu seu currículo oculto com maior eficácia. Sem o internato e a vida em comunidade com o Professor, as atitudes, reações, vida com Deus, não teriam sido reveladas e concertadas pelo próprio modelo e suas palavras oportunas. Relacionamentos são essenciais para o crente e para o missionário. Jesus disse que assim o mundo ia reconhecer Jesus como o Enviado de Deus. “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17:21).

No internato a aprendizagem era ombro a ombro, não apenas face a face. O aluno não apenas ouvia, mas observava tudo e Jesus o observava também e podia lhe corrigir a tempo. Havia uma interação entre os alunos para que eles aprendessem também uns dos outros e de Jesus. O internato não era num mosteiro, separado do mundo, mas direcionado ao mundo e suas necessidades gritantes. Jesus era um modelo visível e vivido em como lidar com os pobres, doentes, opressos, a classe privilegiada e os religiosos hipócritas. O ensino ocorria a qualquer hora. As reações e características negativas e positivas dos discípulos ficaram bem visíveis no convívio dia a dia uns com os outros e com as pessoas com quem encontravam.

Jesus sabia que um internato não formava pessoas agradáveis automaticamente. Ele ensinava muito sobre reconciliação e perdão (Mt 5:23 – procurar aquele que tem algo contra você; 6:12-14 – perdoar os outros; Lc 11:4; Mc 11:25-26; Mt 18:15-35 - ajudar corrigir os erros; Lc 17:4). Tem que amar o inimigo (Mt 5:43-48), andar a segunda milha (Mt 5:38-42). Não pode julgar os outros (Mt 7:1-5) e considerar o outro como você mesmo (Mt 7:12). Haverá atritos e conflitos em qualquer comunidade, mas se há pessoas que não buscam soluções, que não perdoam, mas que são endurecidas contra o outro, então não há solução. Estas pessoas não têm possibilidade de contribuir ou permanecer no grupo de discípulos missionários. Jesus fala muito forte sobre isso – que quem não perdoa, não é perdoado por Deus!

Na história há alguns modelos bem fortes de comunidades de treinamento e atuação missionários. Os Celtas tiveram “mosteiros” que eram de verdade escolas bíblicas de preparo missionário – que se tornaram comunidades ambulantes que se instalavam ao lado das aldeias na Irlanda com a finalidade de evangelismo e discipulado. Os crentes das comunidades se integravam na vida da aldeia, servindo como fosse possível, ajudando doentes, trabalhando na roça, oferecendo comida, convidando para dentro das atividades da comunidade cristã. Viviam juntos com um objetivo mestre – alcançar as vilas com o amor de Deus. Deus usou este modelo para o treinamento e conversão de milhares de pessoas nas Ilhas Britânicas e Europa por mais que três séculos.

Ao contrário, comum para nós é um modelo onde o treinamento é limitado para uma sala de aula ou gabinete pastoral. A idéia é que uma pessoa é adequada para o preparo de outra pessoa, ou pessoas, e que este preparo acontece com palavras proferidas do discipulador para o discípulo ou os discípulos.

Às vezes este modelo fica pior quando o discipulador revela que escolheu o discípulo porque ele é considerado “especial” ou alguém que vale o tempo e investimento. O discipulado recebe (e muitas vezes aceita) que ele é da “nata” e será um grande líder e formador de opiniões. Muitas vezes o resultado são discípulos que se tornam pastores e missionários que atuam com a “boca cheia”. Tornam-se convencidos, arrogantes e intocáveis.

Além do exemplo de Jesus, podemos ler em Atos e nas Epístolas do NT que é a Igreja que discipula. Cada membro tem seus dons para exercer no benefício de todos, levando a igreja a maturidade e unidade. Não é apenas uma pessoa que pode ter o privilégio e responsabilidade exclusiva de discipular outra pessoa ou pessoas.

John Wesley visitou a escola de treinamento missionário dos Morávios em 1738 e escreveu que lá encontrou com “provas vivas do poder da fé: pessoas ‘salvas do pecado interior e exterior’ pelo ‘amor de Deus derramado nos seus corações;’” (Gallagher:240).

O modelo apenas acadêmico, ou de gabinete, envolve estudos sem prática ou desenvolvimento de caráter ou vida espiritual, possível apenas na convivência. É comum nos seminários ao redor do mundo com escolas que oferecem aulas com vários professores. Muitas vezes as aulas são boas, com professores usando uma didática mais dinâmica, envolvendo os alunos no aprendizado ao longo de um semestre, ou três a quatro anos. O problema é que geralmente trata apenas o conhecimento cognitivo, sem caráter, sem comunidade e sem prática ministerial. Não é um preparo integral.

A solução para isso é uma parte da escola ser internato ou ter algo que cria situações sociais de convivência com professores e colegas. Há algumas pessoas pesquisando neste exato momento sobre os benefícios do modelo internato, estilo Betel Brasileiro ou o Instituto Bíblico Cianorte. Nos seminários externos, poderia criar “comunidades de reflexão missionária”, morando junto numa república ou reunindo regularmente. Há desvantagens também, algo a ser evitado (como tipo “mosteiro romano” e escape do mundo) para não se tornar irrelevante e desconhecedor da realidade contextual.

Graham Cheesman escreveu (1995:35):

A comunidade é um padrão de educação teológica que provém da natureza da Igreja. A faculdade ou seminário não é igreja, mas parte da Igreja, de tal modo que o conceito de minist**é**rio mútuo do corpo de Cristo se aplica. Tal comunidade intensa de professores, alunos, funcionários e suas famílias é frequentemente o aspecto da educação teológica que é lembrado pelos estudantes, como de maior impacto sobre sua vida. Talvez seja a ferramenta mais poderosa da educação teológica.

No seu artigo, Marcos Amado chama a atenção pela necessidade de testar o aluno em várias áreas: flexibilidade, estabilidade emocional, vida em equipe e submissão à liderança (2001:44-45). Estas áreas podem ser desenvolvidas e testadas apenas em situações de convivência com outros e com um currículo não-formal planejado e acompanhado para detectar necessidades e pontos fracos onde os candidatos precisam melhorar. O preparo missionário em comunidade não deve ser um ninho confortável, mas um lugar de prova de caráter e compromisso com Deus e com os outros.

Na consulta da APMB em 1996, os participantes trabalharam juntos em buscar diretrizes para o currículo missionário no Brasil. As conclusões mostraram o consenso da necessidade de ter preparo missionário integral. Na conclusão de um artigo sobre a consulta, escrevi:

Precisamos de currículos integrados, não apenas teóricos. Nas escolas devemos falar de caráter, falar da autoridade e da maturidade espiritual, falar da Bíblia e da teologia, falar de teorias missiológicas, porém, também, e mais importante ainda, demonstrarmos isso na vida da escola – no currículo oculto, na vida dos professores e administradores, no funcionamento da escola e nos relacionamentos entre todos, inclusive com os alunos. Portanto, hierarquias e paternalismo não-bíblicos dentro da sala de aula devem ser anulados. Vida e caráter, esp**í**rito de servo e humildade com autoridade verdadeiramente espiritual, e não de uma personalidade forte, devem ser metas do ensino de missões (Burns, 1998:10).

A questão central é a importância dada a Palavra de Deus na formação de currículo, no ensino, nos objetivos e na sala de aula. “Se queremos enviar missionários que conhecem e são comprometidos com a Palavra de Deus, os que ajudam no preparo devem visar isso como alvo principal do seu ensino. As lições aprendidas na sala de aula devem ser relevantes à prática futura desejada no campo missionário. Se queremos enviar missionários *cristãos*, eles devem conhecer e viver o verdadeiro cristianismo revelado por Deus na Palavra. Com esta finalidade, a Bíblia deve se tornar o foco e o fator integrante de todo o ensino teológico e missiológico” (Burns, 1996:62).

**Os Estágios Práticos da Escola Missionária de Jesus**

A prática, inclusive os estágios práticos planejados, era muito importante na escola missionária de Jesus. Não era apenas para ouvir o Seu ensino, mas colocá-lo em prática na vida diária e no ministério (Lc 6:46-49, 8:21; Mt 10; Jo 13:1-16). Ele ensinava, mostrava e depois enviava Seus alunos para os campos, com as devidas instruções e equipamento (ou falta de equipamento!). Depois Ele os recebia de volta, corrigia seus conceitos errados, e os enviava de novo. No final, eles foram enviados definitivamente.

O objetivo dos estágios era ter prática daquilo que iam precisar no futuro. Não eram fáceis; não incluia conforto, mas perseguições e dificuldades (Mt 10:9-42).

Thomas Brewster analisou Mateus 10 em relação ao treinamento missionário prático de Jesus. Ele disse que Jesus deu para eles 1) um povo alvo específico e claro, 2) autoridade, 3) uma mensagem clara, 4) instruções claras sobre o estilo de vida deles, e 5) uma estratégia missionária (Brewster, p. 1). Jesus já estava ajudando Seus alunos a ser focados, a ter autoridade de Deus, sem precisar sempre voltar para Jesus pedindo orientação e ajuda, e a saberem viver de forma que facilitasse sua missão, sem peso material que pudesse atrapalhá-los. Eles tinham convicção e conhecimento da sua mensagem, que não era vaga nem mal definida. Também deveriam conviver com os ouvintes – nas suas casas. A contextualização era forte, como Jesus exemplificou na Sua própria vida.

Uma coisa que nos intriga é que Jesus mandou Seus discípulos apenas para a “casa de Israel”. Provavelmente porque eles não estavam prontos ainda para ir aos gentios. Eles tinham capacidade apenas para pregar o Reino aos de sua própria raça. Mais tarde, Jesus, em tom alto e claro, manda-os ao mundo todo. Podemos aprender com isso, não colocando muita responsabilidade sobre alguém que nunca ministrou primeiro nas coisas pequenas.

Outra coisa interessante é que Jesus mandou-os em duplas. Claire Siddaway escreve: “Uma equipe de evangelismo transcultural pode fazer um impacto, e pode ser mais agradável aos componentes, mas cria sua própria sub-cultura e dificulta a integração. No outro lado uma pessoa solitária pode integrar-se melhor, mas pode sofrer muito stress de solidão e crise pessoal.”

Mais uma vez tenho que voltar a falar sobre a escola de Cianorte, pois nunca vi um programa melhor depois. Talvez devido ao fato de que os alunos já eram ministros de verdade, a prática ministerial tomava mais ou menos 30% do currículo. Nas sextas feiras os alunos promoviam uma vigília, buscando a presença de Deus para seus trabalhos nos fins de semana. No sábado à tarde saiam para os vários lugares de plantio de igrejas, num raio de mais ou menos 200 quilômetros. Às vezes iam sozinhos, ou em duplas ou em equipes. Sempre os acompanhava um professor, a cada fim de semana visitando o trabalho de um ou outro. O professor também participava dos trabalhos e avaliava a atuação dos alunos. Na volta tinham oportunidades de dar testemunho e de relatar as bênçãos e as dificuldades nas salas de aula ou nos cultos.

Outra prática em Cianorte foi o ensino da homilética – como ensinar e pregar a Palavra de Deus, o maior ponto da Grande Comissão de Jesus. Os alunos tinham três anos de homilética, e cada ano tinham que pregar em público, primeiro na sala de aula, depois no culto do seminário e terceiro numa igreja. Depois da pregação de cada um, a escola toda se reunia numa sala de aula com os professores para a avaliação. Sem receio o aluno ouvia dos professores e dos seus colegas tudo que fez bem ou mal, e recebia, junto com a comunidade toda, a devidas correções e sugestões. Foi maravilhoso! Os pregadores formados naquela escola eram bons.

Temos tentado fazer isso na Juvep, mas tenho que admitir que esteja difícil. Não é muito aceito culturalmente ficar corrigindo o outro. É difícil achar tempo. Acabamos nem sabendo o que o aluno faz na sua prática nos fins de semana, pois não há espaço para relatórios. Espero que outras escolas consigam fazer melhor nesta área tão essencial para Jesus e para o envio de missionários capacitados para os campos ao redor do mundo.

**A Formatura da Escola Missionária de Jesus**

Sabemos que, nem todos chegaram na formatura de Jesus. Judas foi excluído por ter caráter e ações totalmente reprováveis. Pedro também teve sérios problemas, mas foi perdoado e comissionado para amar e apascentar as ovelhas. Tomé quase não passou, mas quando viu as mãos e pés de Jesus, se arrependeu e acreditou o suficiente para eventualmente plantar a igreja na Índia, à custa da sua própria vida. Os dois discípulos no caminho de Emaús estavam tristes e abatidos, mas Jesus mostrou que tudo era previsto nas Escrituras, e seus corações queimaram enquanto Ele os ensinou. Voltaram correndo para Jerusalém para falar com os outros.

Na última oração, um pouco antes dos acontecimentos finais, Jesus orou:

Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que sai de ti, e creram que tu me enviaste. (...) neles eu sou glorificado. (...) Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes dos mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. *Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo*. (...) Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra. (...) Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja (Jo 17:6-26).

Na mensagem de formatura, Jesus explicou bem o que Ele tinha orado. Eles não podiam ficar com todo o conhecimento e experiência com Ele apenas para eles. Tinham que sair, ir até aos confins da terra para também batizar e fazer discípulos em todas as nações, línguas e povos, como Ele tinha feito com eles. Para tanto, eles tinham que a necessidade de oração e do revestimento do Espírito Santo. Apesar de forte chamada, tinham que esperar - nada de ativismo ou pragmatismo. Também não podiam ficar confortavelmente no cenáculo ou nas ruas de Jerusalém, dentro da sua cultura, perto das famílias e dos outros discípulos. Sem eles entenderem totalmente, Ele estava os enviando para ser o fundamento da Igreja de Jesus Cristo, igreja que é multicultural, vasta, transformadora, completa, madura e amada, canal da mensagem salvadora do Evangelho, contra qual as portas do enferno não prevaleceriam.

Após a mensagem, Jesus foi levado ao céu. Sozinhos os discípulos saíram cheios de alegria e gozo por serem escolhidos a continuar a missão de Jesus na terra. Uns dias depois podemos ver o começo dos resultados da escola de missões de Jesus. Milhares se converteram e em Atos 5:40-42, Lucas disse que depois de acoitados por pregar Jesus, voltaram para casa regozijando por serem “considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo”. De Jerusalém esta mesma mensagem espalhou para o mundo inteiro, como ainda está espalhando.

**Conclusão**

É possível atestar que este modelo de preparo missionário de Jesus continuou na história da Igreja. Em Atos,Timóteo, aprovado e testado, é escolhido e treinado por Paulo na escola ambulante, para depois ser enviado para Éfeso e outros lugares (Fp 2 e Atos). Os outros, Tito, Epafrodito, Lucas também integraram esta escola e foram grandemente usados na missão e no registro do que aconteceu.

Em toda história da Igreja podemos verificar o surgimento de treinamento, discipulado, para a obra missionária. Podemos atestar em nossos dias os resultados de um bom treinamento, de mau treinamento, ou ausência de treinamento.

Desafio todos nós aqui presentes a examinar com mais seriedade os modelos bíblicos para nossa natureza de ser igreja e nossa tarefa missionária que se estende aos confins do mundo até a volta de Jesus. Bom preparo não guarante grandes missionários, como no caso de Judas. Mas as possibilidades de ter Pedros, Tomés, Barnabés, Paulos e Timóteos é bem maior.

BIBLIOGRAFIA

Adiwardana, Margaretha N. "Treinar Missionários para Perseverar: um Preparo Holístico para situações de adversidade", em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 9, 2001.

Amado, Marcos. “A Capacitação Contínua do Obreiro”, em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 9, 2001.

Bezerra. Durvalina B. “Buscando a Excelência na Formação Missionária”, papel apresentado na reunião da APMB, 2001.

Brepol, Dieter. "A Missão da Igreja e a Formação de Líderes",em **A Missão da Igreja**. Missão Editora, 1994.

Brewster, E. Thomas. "On Missionary Preparation (From Jesus' Point of View)". Documento não publicado, sd.

Bruce, Alexander Balmain. **The Training of the Twelve.** Harper & Brothers Publishers, sd.

Brynjolfson, Robert e Lewis, Jonathan, eds. **Integral Ministry Training Design and Evaluation.** William Carey Library, 2006.

Burns, Barbara Helen. “Dicas para Trabalhar com Grupos Pequenos”, em **Capacitando para Missões Transculturais**, nº 1, 1994.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. “O Desenvolvimento do Currículo Missionário Brasileiro”, em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 6, 1998.

\_\_\_\_\_\_\_\_. “Preparando Missionários para Campos de Risco”, em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 9, 2001.

\_\_\_\_\_\_\_\_. “Teaching Cross-cultural Missions Based on Biblical Theology: Implications of Ephesians for the Brazilian Church.” Dissertação de doutorado não publicada para o Trinity Evangelical Divinity School, 1987.

\_\_\_\_\_\_\_\_. “Teologia Contextualizada pela Integração da Exegese Bíblica e Estudos Missiológicos”, em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 1, 1996.

Campanhã, Josué. **Discipulado transformando Igrejas**. Editora Eclésia, 2003.

César Lenz, M. Kléos. **Vocação –Perspectivas Bíblicas e Teológicas**. Ed. Ultimato 1997.

Cheesman, Graham. "Paradigmas em Competição na Educação Teológica Atual", em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 6, 1998.

DeBarros, Aramis C. **Doze Homens, Uma Missão: Um Perfil Bíblico-Histórico dos Doze Discípulos de Cristo**. Editora Luz e Vida, 1999.

Ekström, Lars Bertil. “A Formação de um Currículo de Missões”, em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 5, 1997.

Escobar, Samuel. **Desafios da Igreja na América Latina- História, Estratégia de Missões**. Ed. Ultimato, 1997.

Ferris, W. Robert. **Establishing Ministry Training.** William Carey Library, 1995.

Flemming, Dean. **Contextualization in the New Testament: Patterns for theology and Mission.** InterVarsity Press, 2005.

Gallagher, Robert L. “Zinzendorf and the Early Moravians:Pioneers in Leadership Selection and Training”, Em **Missiology: An International Review.** Abril, 2008.

Glasser, Arthur F., com Charles E. Van Engen, Dean S. Gilliland, and Shawn B. Redford. **Annoincing the Kingdom: The Story of God’s Mission in the Bible.** Foreward by Paul G. Hiebert. Baker Academic, 2003.

Guthrie, Stan. **Missões no terceiro milénio**. Missão Horizontes, 2003.

Harcy, Steve. **A Excelência no Ensino Teológico**. Editora Descoberta:2007.

Hay, Rob, et. al. **Worth Keeping: Global Perspectives on Best Practice in Missionary Retention.** World Evangelical Alliance Mission Commission, 2007.

Kath Donovay e Ruthmysin – **Valioso demais para que se perca** – Editor. William Taylor Ed. Descoberta.

Lingenfelter, Judith E. e Lingenfelter, Sherwood G. **Teaching Cross-Culturally: An Incarnational Model for Learning and Teaching.** Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

Mott, J.R. **The Responsibility of the Young People for the Evangelization of the World.** Papel apresentado na Igreja Metodista Episcopal, South New Orleans, abril de 1901.

O’Donnell, Kelly, Org. **Cuidado Integral do Missionário: Perspectivas e Práticas ao Redor do Mundo.** Descoberta Editora, 2004.

Padilla, C. René. **Missão Integral, Ensaios sobre o Reino e a Igreja**. Fraternidade Latino Americana, 1992.

Pazmiño, roberto W. “Fundamentos de Currículo”, em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 1, 1996.

Price, J.M. **A pedagogia de Jesus**. JUERP, 1986.

Siddaway, Claire Nancy. “Como Cristo Preparou os Seus Discípulos para Serem Missionários Transculturais”, trabalho para mestrado na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 1992.

Steuernagel, Valdir e Barbosa, Ricardo. **Nova Liderança, Paradgimas de Liderança emTempo de Crise**. Ed. Encontrão, 2003.

Taylor, William David, ed. **Capacitando a Força Missionária Internacional.** Ed. Ultimato, 1993.

Van der Meer, Antonia. “O preparo Cultural do Missionário”, em **Capacitando para Missões Transculturais,** nº 6, 1998.

1. Estaremos falando sobre o preparo de missionários de longo prazo neste estudo. Há muitos modelos de curto e médio prazo, que o tempo não permite tratar. [↑](#footnote-ref-1)
2. No mundo, o Brasil é famoso pelo crescimento de igreja – o batizar. No entanto, ensinar tudo que Jesus ensinou não é tão evidente. [↑](#footnote-ref-2)
3. Pesquisa realizada por Barbara Helen Burns para um trabalho de doutorado em 1983. [↑](#footnote-ref-3)
4. É interessante notar que a hermenêutica de Jesus no Seu trato com o Antigo Testamento foi direto. Ele não dizia, como os de hoje, “Moisés disse que Abraão encontrou com Deus”. Ele disse, “Abraão encontrou com Deus”! [↑](#footnote-ref-4)
5. ReMAP II cap 5 e 9 e 10. p. 107. [↑](#footnote-ref-5)